



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i01117125>

REFLEXÕES SOBRE POESIA INDÍGENA BRASILEIRA UTILIZANDO CONCEITOS DOS ESTUDOS CULTURAIS

Data de recebimento: 28/10/2018

Aceite: 15/03/2019

Walace RODRIGUES (UFT)¹

Paola Efelli Rocha de Sousa LIMA (UFT)²

Resumo: Este trabalho busca mostrar uma reflexão acerca da poesia indígena brasileira. Tomamos como caso de estudo dois poemas da poeta indígena amazonense Márcia Wayna Kambeba, retirados de seu livro intitulado “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”, de 2013. Esse escrito trata-se de uma pesquisa teórica realizada por meio de revisão bibliográfica, complementada com a análise de dos dois poemas a partir do campo dos Estudos Culturais. Nosso resultado preliminar demonstra que os Estudos Culturais podem ser de grande valia para auxiliar na análise de poesia indígena, pois esse campo de conhecimento busca trabalhar com conceitos fora da tradição ocidental e que abarcam as identidades dos povos não-ocidentais.

Palavras-chave: Poesia indígena brasileira. Márcia Wayna Kambeba. Estudos Culturais.

Abstract: This paper seeks to show some thoughts on Brazilian indigenous poetry. We take two poems of the indigenous Amazon poet Márcia Wayna Kambeba as a case of study, both taken from her book titled "Ay kakyri tama (I live in the city)", of 2013. This writing is a theoretical research carried out through a bibliographical review, complemented by the analysis of the two poems from the field of Cultural Studies. Our preliminary results show that Cultural Studies can be of great value in assisting in analyzing indigenous poetry, since this field of knowledge seeks to work with concepts outside the Western tradition and that embrace the identities of non-Western peoples.

Keywords: Brazilian indigenous poetry. Márcia Wayna Kambeba. Cultural Studies.

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (*lato sensu*) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins - GESTO, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Brasil, Araguaína, TO. E-mail: walace@uft.edu.br

² Mestranda da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL), da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Especialista em Docência do Ensino Superior. Graduada em Direito e Letras. Brasil, Araguaína, TO. E-mail: paola@fest.edu.br



Introdução

Este trabalho foi elaborado enquanto um trabalho preliminar para uma futura dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL), da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Ele lança um olhar preliminar sobre a poesia indígena brasileira a partir dos conceitos dos Estudos Culturais.

Nossa análise parte de dois poemas da poeta indígena amazonense Márcia Wayna Kambeba, tomados do livro intitulado “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”, de 2013, e publicado pela Grafisa Gráfica e Editora, de Manaus (AM).

Utilizamos aqui uma pesquisa teórica realizada por meio de uma revisão bibliográfica na área dos Estudos Culturais e complementada com a análise dos dois poemas de Márcia Wayna Kambeba.

As reflexões expostas nesse trabalho compõem as pesquisas iniciais de Paola Efelli Rocha de Sousa Lima para o mestrado da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL), da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína.

Poesia indígena brasileira pela via dos Estudos Culturais

Começamos esse texto mostrando um campo de estudo recente na literatura brasileira: a poesia indígena. Temos, hoje em dia, alguns escritores que começam a ficar conhecidos neste campo de atividade literária, como Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Márcia Kambeba, entre outros.

Daniel Munduruku nos fala da estreita relação entre literatura indígena e oralidade. Sendo a primeira mais recente e a última ancestral. Ele nos diz que:

A escrita é uma técnica. É preciso dominar esta técnica com perfeição para poder utiliza-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o Ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem



transformar este fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não se atualiza. É preciso notar que ela – a memória – está buscando dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma dessas técnicas, mas há também o vídeo, o museu, os festivais, as apresentações culturais, a internet com suas variantes, o rádio e a TV. Ninguém duvida que cada uma delas é importante, mas poucos são capazes de perceber que é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais. Pensar a Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade. (MUNDURUKU, 2008, s/p)

Ainda, pensando relações entre a literatura canônica ocidental e a literatura indígena da atualidade, Devair Fiorotti e Pedro Mandagará reafirmam o processo dinâmico que compõe e recompõe a literatura indígena através da sua força oral e de ação através da voz dos recitadores.

Culturas orais, por outro lado, fazem história, memória e literatura como um processo de perda e invenção constantes, e na maioria das vezes de forma indissociável, como nos ensina o termo *Panton*, em língua macuxi: que se refere às histórias do povo macuxi, inclusive às lendas e mitos, de forma indissociável. Na medida em que o mundo se torna outro, o discurso (da narrativa, do canto) vira outro. Conforme o presente se transforma, criam-se novos passados e novos espaços. Nada menos primitivo que este trabalho de reinvenção constante - estamos longe de ideias de autenticidade parada no tempo. (FIOROTTI; MANDAGARÁ, 2018, p. 15)

E como podemos analisar a poesia indígena brasileira? Um dos caminhos possíveis e escolhido por nós seria através dos Estudos Culturais. Tal campo de investigação tem caráter interdisciplinar e explora as formas de poder, como construímos significados, como representamos o mundo que nos cerca e seus produtos, as formas de linguagem, as formas de identidade entre outros pontos. Tal disciplina começou a tomar forma nos países de língua inglesa a partir da década de 1960. Nomes importantes desse movimento são: Stuart Hall, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Frantz Fanon, entre outros.

Aliás, identidade é um conceito potente que convoca à reflexão e exige um posicionamento prático e teórico em relação a análise da poesia indígena, pois remete à questão cultural da poeta e à formação de sua personalidade enquanto sujeito indígena.

Acreditando, portanto, que as significações culturais moldadas através da poesia indígena brasileira podem ser decodificadas a partir da análise de categorias como gênero, etnia,



nacionalidade, funções sociais, etc.

Stuart Hall nos lembra que toda ação social é cultural. Assim, a ação de criar poesia indígena é eminentemente cultural, pois reflete um conhecimento do mundo indígena muito maior que qualquer autor ocidental poderia ter de tal mundo, dando significado a uma literatura verdadeiramente indígena.

A ação social e significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido as nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas —culturas. Contribuem para assegurar que toda ação social e —cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 15)

Nesse sentido, abrir-se à poesia indígena significa tentar buscar novas maneiras de pensar a literatura fora dos cânones ocidentais. A abertura aos fazeres do “outro” (do não-ocidental) indígena pode desvendar muitos saberes únicos a partir das concepções indígenas de mundo. A pesquisadora indiana Gayatri Spivak nos fala sobre o empobrecimento conceitual que pode ser causado pelo fechamento ao “novo” por causa de preconceitos e de racismos diversos:

Se nós podemos aprender racismo, nós podemos desaprendê-lo, e desaprendê-lo precisamente porque nossas assunções sobre raça representam um fechamento de possibilidade criativa, a perda da opção do outro, outro conhecimento. (SPIVAK, 1996, p. 4, tradução nossa)

Ainda, os saberes que podemos conseguir através dos estudos das formas não-ocidentais de literatura podem contribuir grandemente na área da educação e incentivar a abertura a outras fontes de conhecimento fora dos cânones ocidentais. Nesse sentido, o estudo da literatura indígena brasileira pode auxiliar na educação escolar de nossos jovens. Rodrigues nos informa que:

Acreditamos que os conteúdos relacionados às minorias devem ser ensinados e compreendidos dentro dos vários contextos sócio-histórico-culturais existentes no Brasil. Apesar de difícil, a tarefa de proporcionar informações e possibilitar meios de entendimento sobre os “outros” cidadãos nacionais, deve ser seriamente executada na escola, espaço, por excelência e genuíno, de promoção dos vários saberes e atitudes sociais responsáveis, conscientes e críticas (ou assim o deveria



ser!). (RODRIGUES, 2016, p. 108)

Também, Bhabha nos ajuda a compreender que a arte (em nosso caso a literatura indígena) tem a força de ultrapassar barreiras de preconceitos e revelar lugares de fala com os quais nunca tínhamos pensado existir.

O valor da arte não está em seu alcance transcendente, mas na sua capacidade de tradução; na possibilidade de mover-se entre meios, materiais e gêneros, cada vez marcando e remarcando as fronteiras materiais da diferença; articulando ‘lugares’ onde a questão da ‘especificidade’ é ambivalente e complexamente construída. (BHABHA, 2003, p. 439, tradução nossa)

Ainda pensando nos indígenas brasileiros e em suas produções artísticas (mais tradicionais ou as que incorporam traços da ocidentalidade), vale compreender o sentido do conceito de subalternidade, pois os indígenas foram e são tratados como subalternos em nossa sociedade. Wagner Enedino e Celeste Sousa definem-nos o conceito de subalternidade como sendo:

A subalternidade sob o ponto de vista político, dentro de um contexto histórico e social, pode ser definida como consequência irremissível de uma relação de poder cujas diferenças são indissociáveis entre si. Para que a existência de um seja possível, a presença do outro é inevitável, de modo que há um processo de oposição que se configura a partir de questões relacionadas a fatores externos e internos ao sujeito dentro do meio social. (ENEDINO; SOUSA, 2014, p. 271)

Essas relações assimétricas de poder em relação aos indígenas marcaram e ainda marcam nossa sociedade brasileira, relegando aos indígenas um lugar de menor visibilidade social, assim como suas produções.

Sobre os Kambeba, grupo a que pertence étnica e culturalmente Márcia Kambeba, Benedito Maciel, na apresentação do livro “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”, informa-nos que:

Em sua memória coletiva os Cambeba guardam ainda outras respostas dadas aos brancos. Relatam que durante parte do século XX se alguém parasse no porto de suas aldeias e perguntasse se ali tinha índios, a ordem era dizer que não. Somente na década de 1980, liderados pela família de Valdomiro Cruz, os Cambeba reassumiram sua identidade étnica no médio Solimões. De lá para cá, fizeram novas alianças políticas, demarcaram parte de seus territórios e reinventaram vários aspectos de sua cultura ancestral. Reaprenderam parte de sua língua tradicional, de suas danças e cantos e mantiveram viva a luta por seus direitos,



reelaborando novas respostas e novos instrumentos de resistência. (MACIEL, 2013, p. 15)

Nesse momento gostaríamos de fazer uma análise interpretativa de dois poemas de Kambeba com relação aos conceitos dos Estudos Culturais aqui apresentados. O primeiro poema intitula-se “Minha pena vermelha” e o segundo “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”. Ambos encontram-se no referido livro da autora.

MINHA PENA VERMELHA

**Nas cores das minhas plumas,
Minha identidade encena,
A sutileza do meu caminhar,
Da minha pele morena,
Pintada de jenipapo,
Contrastando com a minha pena.**

**No brilho dos meus olhos negros,
De formato amendoado,
Sai um olhar penetrante,
Feito bicho acuado,
Quando se sente ferido,
Quando se sente afetado,**

**Pelo preconceito que impede
Nosso povo de crescer,
No olhar de estranheza não posso permitir,
Que may-tini venha, minha alma ferir.**

O poema “Minha pena vermelha” é composto por três estrofes. A primeira marca a identidade indígena da poeta, revelando suas plumas, sua pele morena e pintada de jenipapo, seu caminhar, enfim, mostrando alguns traços de sua identidade indígena.

A segunda estrofe ela nos dá a visão de seu olhar penetrante e faz um elo entre ela e a natureza, mostrando-se enquanto parte da natureza, quando compara-se a um bicho ferido, acuado e afetado.

A terceira estrofe é continuação da segunda. Nessa estrofe ela mostra o preconceito contra seu povo indígena. A “estranheza” com a qual é olhada (também seu povo), pelo homem



branco (may-tini) pode ser somente o começo dos ferimentos à sua alma.

Marcadamente vemos que conceitos dos Estudos Culturais como identidade, etnia, estranhamento, poder e lugar social marcam o poema. Parece haver uma luta para reafirmar sua identidade indígena contra os preconceitos do homem branco.

**AY KAKUYRI TAMA
(Eu Moro na Cidade)**

**Ay kakuyri tama.
Ynua tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.**

**Tradução:
Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.**

**Nasci na Uka sagrada,
Na mata por tempos vivi,
Na terra dos povos indígenas,
Sou Wayna, filha da mãe Aracy.**

**Minha casa era feita de palha,
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora,
De um lugar que eu nunca esqueci.**

**Meu canto era bem diferente,
Cantava na língua Tupi,
Hoje, meu canto guerreiro,
Se une aos Kambeba, aos Tembê, aos Guarani.**

**Hoje, no mundo em que vivo,
Minha selva, em pedra se tornou,
Não tenho a calma de outrora,
Minha rotina também já mudou.**

**Em convívio com a sociedade,
Minha cara de “índia” não se transformou,
Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou,**



**Mantenho meu ser indígena,
Na minha Identidade,
Falando da importância do meu povo,
Mesmo vivendo na cidade.**

O poema “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”, que dá nome ao livro, compõe-se de oito estrofes, porém a primeira estrofe está em língua Kambeba e a segunda estrofe é a tradução da primeira. Tomaremos a segunda para análise. No entanto, vale pensar que quando Márcia Kambeba utiliza sua língua indígena para começar o poema ela nos força a, pelo menos, tentar ler sua língua. Ela nos força o contato com uma nova língua, com o “novo”.

Na segunda estrofe ela nos diz que mora na cidade (ela mora em Belém, capital do estado do Pará), assim como outros indígenas, e que não apagou sua cultura ancestral. Muitas pessoas pensam que porque moram na cidade grande os indígenas tornam-se ocidentais, não-indígenas. Isso não acontece, pois suas culturas indígenas fazem parte de suas identidades e estão neles. Ao final da estrofe ela convida o homem branco a participar de seu ritual, mesmo que executado na cidade.

Na terceira e quarta estrofes ela se identifica como indígena, dizendo que nasceu na mata, que morava em casa de palha, que cresceu na aldeia e que tudo isso ela traz em sua lembrança, dentro de si, enquanto parte relevante de sua identidade.

Na quinta estrofe ela nos diz que cantava em língua Tupi e que sua luta e seu canto guerreiro uni-se ao de outros povos, como os Tembé e Guaraní. Essa estrofe reforça a identidade indígena de Márcia Kambeba e sua necessidade de luta pelos direitos indígenas, pela sua identidade indígena na cidade.

Na sexta estrofe ela nos diz que sua selva agora é de pedras (a cidade grande) e que sua calma (que antes tinha na aldeia) foi levada por uma rotina urbana. Essa estrofe marca fortemente a ideia de mudança de Kambeba da aldeia para a cidade.

Na sétima estrofe ela nos diz que seus traços indígenas não mudaram, mesmo morando na cidade, pois os traz em si, marcando sua identidade. Ela compartilha das coisas da cidade, mas não perde sua essência indígena Kambeba.

Na oitava e última estrofe ela reafirma sua identidade indígena, mesmo vivendo na cidade. Seu trabalho em mostrar as coisas indígenas, sua música, seus poemas, as histórias de seu



povo, etc, faz com que ela quebre barreiras de preconceito em relação aos indígenas.

Notamos que nesse poema a poeta busca concretizar um movimento rítmico. Ela nos deixa muito claro que mesmo morando na cidade ela não deixa de ser indígena, de manter sua essência indígena. Também há um forte apelo à memória, ao lugar de pertencimento, à aldeia ancestral, à língua, ao povo.

Novamente esse poema trabalha com categorias muito utilizadas pelos estudos culturais, como identidade, etnia, pertencimento, território, entre outras. Com o uso de tais categorias Kambeba marca novos territórios na poesia indígena, deixando ver um lugar só seu nesse campo de criação artística.

Considerações finais

Este texto buscou compreender um pouco como categorias dos Estudos Culturais podem nos ajudar a melhor compreender a literatura indígena brasileira. Demos como exemplo dessa possibilidade a leitura analítica de dois poemas da poeta amazonense Márcia Kambeba.

Kambeba nos presenteia com uma poesia cheia de reafirmação identitária, demarcando seu lugar enquanto mulher indígena na cidade grande, deixando-nos ver que não deixou de ser indígena somente por morar na cidade.

O apelo às coisas ancestrais de seu povo, através do uso de memórias de tradição oral, remete-nos à sua aldeia. Ela reafirma, em seus poemas, que categoria muito utilizadas pelos Estudos Culturais (como identidade, etnia, pertencimento, gênero, etc) podem servir para melhor compreender seus poemas.

Finalizando, acreditamos que a promoção da estética literária indígena em vários ambientes (escolares, universitários, de encontros, etc) podem auxiliar na valorização dos fazeres e saberes indígenas e na diminuição dos preconceitos em relação aos indígenas brasileiros.

Referências

BHABHA, H. K. Postmodernism /postcolonialism. IN: NELSON, R. S; SHIFF, R. (Ed.). **Critical terms for art history**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. pag. 435-451.

ENEDINO, W. C; SOUSA, C. da S. Subalternidade, Marginalidade E Violência num tempo Sem lei: Uma Leitura De Querô, Uma Reportagem Maldita E Híbrida. **Revista Estação literária**.



Londrina, PR. Volume 12, jan. 2014, pág. 370-387.

FIOROTTI, D; MANDAGARÁ, P. Contemporaneidades ameríndias: diante da voz e da letra. IN: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. UnB, n. 53, jan./abr. 2018, pág. 13-21.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. IN: THOMPSON, K.(org.). *Media and Cultural Regulation*. England, 1997. Tradução publicada em **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.22, no 2, p.15-46, jul/dez 1997.

KAMBEBA, M. W. **Ay Kakyri Tama** (Eu moro na cidade). Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.

MACIEL, B. Apresentação. IN: **Ay Kakyri Tama** (Eu moro na cidade). Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013, pág. 13-15.

MUNDURUKU, D. Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. IN: **Overmundo**. 2008. Disponível em: < http://www.overmundo.com.br/imprime_overblog/literatura-indigena >. Acesso em 13 de outubro de 2018.

RODRIGUES, W. O ambiente escolar e a valorização cultural indígena. **Revista Periferia**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2016, pág. 106-122.

SPIVAK, G. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (ed.). **The Spivak reader**. New York: Routledge, 1996.